

## O molar e o molecular: reflexões acerca da relação sujeito e objeto no processo de tradução intercultural

*Juliano Bona\**

*Camila Thaisa Alves Bona\*\**

*José Marcelo Freitas de Luna\*\*\**

### Resumo

Traduzir as diferenças é uma necessidade de nosso momento histórico. As relações entre sujeito e objeto são constantes nas tentativas de se traduzirem as diferenças, configurando-se como um tema de crescentes estudos. As diferenças que se projetam nas relações interculturais especificamente, em que sujeito e objeto se diluem no plano das atividades sociais, carecem de mais investigação e produção científicas. Assim, o objetivo geral deste artigo é analisar as relações entre sujeito e objeto no processo de tradução intercultural. Trata-se de um texto ensaístico, tendo como aporte teórico: Bauman (2010), Betancourt (2004), Deleuze (2000), Deleuze e Guattari (2012), Deleuze e Guattari (1992), Foucault (1970), Santos (2002). Para atingir o objetivo geral, dividimos a análise em três partes. Primeiramente, o sujeito no ato da tradução: retomaremos a figura do intérprete e a filosofia da diferença. E, um segundo momento, o objeto no ato de tradução: discutiremos algumas características dos discursos molares e moleculares que circulam na sociedade. Em um terceiro momento, articularemos a relação sujeito e objeto no ato de tradução. Nesse movimento, muitas análises foram desenvolvidas, dentre elas destacamos: o rompimento da dicotomia sujeito e objeto é consequência imediata no ato de tradução; o intérprete, a filosofia da diferença, os discursos molares e moleculares formam um espécie de plano de imanência que permite a construção de

\* Possui Graduação em Matemática pela Fundação Universidade Regional de Blumenau - Furb (2005). Atua na área de ensino fundamental como professor de matemática na Rede Pública Municipal de Timbó. Mestre em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB (2010). E-mail: bonajuliano@gmail.com

\*\* Possui graduação em Letras pela Universidade Regional de Blumenau e Mestrado em Educação pela mesma instituição. Foi professora de Língua Portuguesa e Inglesa nas redes pública e particular, atuando no ensino fundamental e educação infantil. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação - Univali - Universidade do Vale do Itajaí. E-mail: camilatalves@gmail.com

\*\*\* Possui graduação em Letras pela Universidade Federal da Paraíba; Doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1999), com estágio sanduíche na Universidade de Cambridge (Inglaterra); e pós-doutorado, entre 2010 e 2011, na Universidade do Texas em Austin (Estados Unidos). Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Educação da Universidade do Vale do Itajaí. Professor visitante da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal. E-mail: mluna@univali.br

dispositivos e referências presentes no processo de tradução; a filosofia intercultural surge como consequência desse processo e o intérprete se torna um personagem conceitual, e os conceitos, por sua vez, dispositivos que permitem pensar de forma intercultural.

**Palavras-chave:** Interculturalidade, Tradução, Filosofia intercultural, Filosofia da diferença.

## The molar and the molecular: reflections on the relationship subject and object in the process of intercultural translation

### Summary

Translating the differences is a necessity of our historical moment. The relations between subject and object are constant in the attempts to translate the differences, becoming a theme of growing studies. The differences that are projected in intercultural relations specifically, in which subject and object are diluted in the plane of social activities, need more scientific investigation and production. Thus, the general objective of this article is to analyze the relations between subject and object in the process of intercultural translation. It is an essayist text, having as theoretical contribution: Bauman (2010), Betancourt (2004), Deleuze (2000), Deleuze and Guattari (2012), Deleuze and Guattari (1992), Foucault (1970), Santos (2002). To achieve the general objective, we divide the analysis into three parts. Firstly, the subject in the act of translation, we will return to the figure of the interpreter and the philosophy of difference. And, a second moment: the object in the act of translation, we will discuss some characteristics of the molar and molecular discourses that circulate in society. In a third moment: we will articulate the subject and object relationship in the act of translation. In this movement, many analyzes have been developed, among them we highlight: the breaking of the dichotomy subject and object is immediate consequence in the act of translation; The interpreter, the philosophy of difference, the molar and molecular discourses form a sort of plane of immanence that allows the construction of devices and references present in the translation process; Intercultural philosophy emerges as a consequence of this process, and the interpreter becomes a conceptual character, and concepts, in turn, devices that allow intercultural thinking.

**Keywords:** Interculturality, Translation, Intercultural Philosophy, Philosophy of difference.

## El molar y el molecular: reflexiones acerca de la relación sujeto y objeto en el proceso de traducción intercultural

### Resumen:

Traducir las diferencias es una necesidad de nuestro momento histórico. Las relaciones entre sujeto y objeto son constantes en los intentos de traducir las diferencias, configurándose como un tema de crecientes estudios. Las diferencias que se proyectan en las relaciones interculturales específicamente, en que sujeto y objeto se diluyen en el plano de las actividades sociales, carecen de más investigación y producción científicas. Así, el objetivo general de este artículo es analizar las relaciones entre sujeto y objeto en el proceso de traducción intercultural. Se trata de un texto ensayístico, que tiene como aporte teórico: Bauman (2010), Betancourt (2004), Deleuze (2000), Deleuze y Guattari (2012), Deleuze y Guattari (1992), Foucault (1970), Santos (2002). Para alcanzar el objetivo general, dividimos el análisis en tres partes. Primero, el sujeto en el acto de la traducción: retomaremos la figura del intérprete y la filosofía de la diferencia. Y, un segundo momento, el objeto en el acto de traducción: discutiremos algunas características de los discursos molares y moleculares que circulan en la sociedad. En un tercer momento, articularemos la relación sujeto y objeto en el acto de traducción. En ese movimiento, muchos análisis fueron desarrollados, entre ellos destacamos: el rompimiento de la dicotomía sujeto y objeto es consecuencia inmediata en el acto de traducción; El intérprete, la filosofía de la diferencia, los discursos molares y moleculares forman una especie de plan de inmanencia que permite la construcción de dispositivos y referencias presentes en el proceso de traducción; La filosofía intercultural surge como consecuencia de ese proceso y el intérprete se convierte en un personaje conceptual, y los conceptos, a su vez, dispositivos que permiten pensar de forma intercultural.

**Palabras clave:** Interculturalidad, Traducción, Filosofía intercultural, Filosofía de la diferencia.



## Introdução

Relacionar no não separável. Muitas vezes a palavra relacionar lembra a comparação entre dois objetos. Relacionar, em nosso contexto, não significa comparar a distância. Significa construir um espaço de inteligibilidade em que o único pressuposto é o contato. Nesse espaço, não estamos interessados no separável que a relação sujeito e objeto pressupõem nas teorias clássicas em que se exclui o sujeito em virtude de se conhecer a verdade do objeto. Se a ciência não descobre, ao invés cria, o que pretendemos é criar um espaço de contato entre sujeito e objeto em que o foco será a superfície de contato e não o distanciamento.

Quando falamos de superfície de contato, pressupondo a não distância, criamos atrito. Na física, o atrito é gerado quando colocamos dois corpos em contato, tendendo a estar em movimento. A quantidade de atrito depende também da superfície de contato: se é rugosa, o atrito tende a ser maior; por outro lado, se é lisa, tende a ser menor. Como estamos interessados na relação sujeito e objeto no ato de tradução intercultural, e as culturas tendem a ser porosas e rugosas em suas superfícies, acreditamos ser perceptível o atrito gerado por este contato.

É no atrito gerado na superfície de contato entre duas ou mais culturas que situamos o processo de tradução intercultural. Vale destacar que traduzir é o procedimento que permite criar inteligibilidade recíproca do mundo, tanto as disponíveis como as possíveis. (SANTOS, 2002). Desta forma, o processo de tradução cria um espaço de indelebilidade na diversidade do mundo. Como qualquer espaço, por maior ou menor que seja, é possível construir subespaços que o compõem; o que queremos é construir um subespaço de inteligibilidade no ato de tradução.

Para criar este espaço, precisamos analisar o sujeito e o objeto e suas relações nesse subespaço. Sujeito, o tradutor, objeto, as relações interculturais e, por fim, a superfície de contato entre sujeito e objeto. É consenso entre os pesquisadores dessa área a necessidade de tradução intercultural em nosso momento histórico. Nossa tese é a existência da possibilidade de se ampliar a compreensão desse processo em nossa contemporaneidade. Desta forma, este ensaio se justifica por duas razões. A primeira é pela contribuição ao próprio ato de tradução e a segunda pela necessidade de criarmos caminhos de compreensão perante o aparente aumento de complexidade global.

Este artigo tem como objetivo geral analisar as relações entre sujeito e objeto no processo de tradução intercultural. Para isso, como objetivos específicos, retomaremos aspectos ontológicos relacionados à figura do tradutor (sujeito). Logo em seguida, discutiremos algumas facetas articuladas ao tecido social no ato de tradução (objeto). E, para finalizarmos, faremos a articulação entre sujeito e objeto no processo de tradução (sujeito-objeto). Como aporte teórico, utilizamos os seguintes autores: Bauman (2010), Bataillon (2004), Deleuze (2000), Deleuze e Guattari (2012), Deleuze e Guattari (1992), Foucault (1970), Santos (2002).

Trata-se de um texto ensaístico que está dividido em três partes. Na primeira parte, intitulada *o intérprete e a filosofia da diferença: o sujeito no ato de tradução*, retomaremos aspectos ontológicos presentes no ato de tradução. Na segunda parte, intitulada *o Molar e o Molecular: o objeto no ato de tradução*, discutiremos algumas facetas relacionadas ao



observável no ato de tradução, frisando algumas características dos conceitos de Molar e Molecular. Para finalizar, *a relação sujeito e objeto no ato de tradução*, faremos a articulação sujeito e objeto. Para isso, quatro pontas precisam ser amarradas: o intérprete, a filosofia da diferença, o molar e o molecular, e o conceito de ciência que rompe a dicotomia entre sujeito e objeto e resgata o sujeito no ato de tradução.

### ***O intérprete e a filosofia da diferença: o sujeito no ato de tradução***

Não estamos diante de uma receita que prescreve o intérprete no ato da tradução. Também não temos a pretensão de caracterizar de forma rígida as características ontológicas do sujeito intérprete. Nosso interesse se volta ao olhar do intérprete, treinado por experiências anteriores a reconhecer novos pontos de vista e acomodá-los entre os familiares. Fluxo de informação contínua que nos atravessa e se projeta na maneira como percebemos o mundo. Talvez esse seja um dos motivos de não enxergarmos outros tipos de fenômenos inovadores que não se encaixam em nossas experiências anteriores.

Sabemos que enxergamos pelo reflexo que os raios de luz exercem sobre os objetos captados por nosso globo ocular. Aspecto físico analisado pelos estudos óticos Newtonianos. Porém, nossa percepção do mundo não se limita ao olho nem à luz. A maneira como construímos o mundo e o legitimamos gera uma espécie de estrutura semiótica que filtra nosso olhar sobre um simulacro do mundo. É um processo de construção lento que ganha força no século XVIII através de uma corrente filosófica chamada de Iluminismo. Segundo Bauman (2010, p.144), a filosofia iluminista pautada na razão universal não está mais contida nos livros: “como a luz emitida pelo sol, ela raiou, espalhou-se agora sobre toda a terra, brilha alta acima da cabeça de todos, reflete-se na maioria das instituições sociais, enche o ar que todos nós respiramos”.

O projeto iluminista cria um regime de luz que ilumina e esconde por interesse, em função das relações de poder que circulam na sociedade. Depois do projeto edificado, precisava-se de um representante de carne e osso, sujeito que alimenta e defende a razão universal até suas últimas consequências. O legislador, nesse sentido, funciona como um porta voz do iluminismo. Sua presença está em todas as partes, nas escolas, empresas e espaços públicos. Em todas as partes onde a luz atinge as superfícies arquitetadas. As luzes criam o legislador que passa a habitar os sujeitos. Regime de luz externa que se transforma em luz interna emitida pelos legisladores.

Acreditamos que este olhar não se alinha ao ato de tradução. Por vários motivos, como a não percepção daquilo que se mostra fora do que é permitido observar, ou seja, tudo que está fora dos pressupostos iluministas, as verdades universais não são consideradas credíveis de análise. As verdades consideradas universais intoxicam nossa visão do mundo, impedindo o dever dos acontecimentos culturais necessários no ato de tradução. Precisamos de um olhar mais aberto com a rotação ampliada para observar o escuro e as faces que não se mostram no olhar do legislador. Necessitamos de um intérprete.

Os intérpretes não surgem de um projeto que visa à construção de sujeitos capazes de traduzir as diferentes culturas de nosso tempo histórico. Pelo contrário, é nas ruínas do projeto iluminista e nas transformações ocorridas na pós-modernidade que assistimos a queda dos legisladores e o surgimento por necessidade do intérprete. O aumento da



complexidade concreta, os meios de comunicação e a nossa visão do mundo passaram a potencializar a queda do iluminismo. O legislador perde suas referências de uma razão universal. Segundo Bauman (2010, p.170), “o que aparece a nossos olhos como uma crise da civilização ou o fracasso de um certo projeto histórico é a crise de um papel particular e a redundância coletiva que se especializou em desempenhar esse papel”.

Nesse contexto, o intérprete surge por necessidade epistemológica perante um consenso mundial de uma pluralidade da condição humana. O olhar do intérprete se apequena na pluralidade das relações humanas. Traduzir e tornar inteligível a pluralidade é o papel do intérprete. “Falar com as pessoas em vez de brigar com elas; entendê-las em vez de repudiá-las ou aniquilá-las como mutantes; incrementar sua própria tradição bebendo com liberdade na experiência de outros grupos, em vez de excluí-los do comércio de ideias” (BAUMAN, 2010, p.197).

O olhar do intérprete se alinha à derivação, no sentido matemático do termo, percebe as pequenas comunidades, a diferença que emana das periferias. A razão universal *a priori* não perde sua legitimidade apenas nos atos diários que efetuamos nos espaços de circulação diários, perde sua legitimidade, também, na maneira como observamos os fenômenos e os analisamos. O olhar do intérprete, neste sentido, percebe a diferença na diferença e tem consciência que seu local de observação legitima essa percepção.

Se o intérprete percebe a diferença e através de um processo de tradução torna inteligíveis as relações interculturais, como avaliar este processo em nível ontológico? Como ter consciência do olhar que percebe o diferente? Acreditamos existir algumas formas de responder essas questões. Para isso, primeiramente, temos que considerar as inferências em nível de pensamento. É em nível filosófico que podemos analisar esse olhar sem nos atermos a racionalização objetiva presa ao ato de medir. É na filosofia do pensamento sem imagens que o intérprete pode buscar essa consciência da percepção do diferente. (DELEUZE 2000).

Pensar sem imagens exige a consciência de seu oposto. Desta forma, Deleuze (2000) afirma que as ciências modernas funcionam como máquinas de construir imagens que se instalam em nível de pensamento. O legislador observa a realidade, através de um quadro de imagens construído *a priori*; o intérprete tem consciência desse processo, não nega sua influência, porém, projeta seu olhar além das estruturas de imagens hegemônicas. As idealizações imagéticas constroem realidades, dessa forma, perceber o diferente é também criar espaços de observação em que a pequenez se revela e mostra sua energia.

Para construir um olhar que percebe a diferença, as hegemonias precisam ser reveladas conscientemente. Acreditamos que existem muitas culturas hegemônicas e conceitos que se transformaram em vitrine e direcionam nosso olhar. Porém, a cultura eurocêntrica e sua adaptação aos interesses capitalistas contemporâneos se destacam pela sua profundidade não apenas nas ações corriqueiras, no controle das massas, mas, também, pelo seu projeto de definir o que pode ser observado. A ciência eurocêntrica e sua racionalidade funcionam, principalmente depois do século XVIII, como uma máquina de construir quadros que funcionam, em nível de pensamento, como imagens que se projetam em nosso olhar. “O sujeito do cogito cartesiano não pensa; ele tem apenas a possibilidade de pensar e se mantém estúpido no seio dessa possibilidade” (DELEUZE, 2000, p.259). Pensar, nesse sentido, é algo inédito e acontece no seio da diferença. A teoria do



pensamento, proposta por Deleuze (2000), é como uma pintura que tem a necessidade de passar do mundo da representação para arte abstrata, e é este o objeto de uma “teoria do pensamento sem imagens” (DELEUZE, 2000, p.260).

O cartesiano que vive em nós, o capitalista que vive em nós, o neoliberal que vive em nós, o consumista que vive em nós: estas são fatias que habitam nossa subjetividade pós-moderna. Negar sua influência no olhar do intérprete seria estupidez. Tornar consciente sua existência e procurar locais diferentes para observar o diferente nas relações interculturais pode ser o primeiro passo para se vincular à teoria do pensamento sem imagem no ato de tradução. O olhar do intérprete diante das relações interculturais ganha potência na construção de inteligibilidade, que pressupõe o contato com o diferente, com o não hegemônico.

De legisladores a intérpretes. De intérpretes a um olhar articulado a pensamentos sem imagem. Relacionar o intérprete à filosofia do pensamento sem imagem (DELEUZE, 2000) é de certa forma tirar o intérprete de um plano sociológico e colocá-lo em um plano filosófico. É possível observar que esse pode ser um dos caminhos para ampliar o olhar do intérprete no ato de tradução. Deslocar o intérprete do plano sociológico ao filosófico implica, em última análise, despertar o artista que vive em nós. Artista que observa o diferente e transforma estas imagens em quadros fixados temporariamente em seu ateliê, tempo necessário para construir inteligibilidades. Depois disso, são queimados para não se transformarem em imagens colocadas em um jogo irônico que cria realidades.

### ***O Molar e o Molecular: o objeto no ato de tradução***

O olhar do intérprete intercultural não analisa objetos considerados naturais, sem interferência do meio e dos sujeitos das mais diferentes culturas. Nossos objetos são espaços que marcam a diversidade humana. Diferentes culturas, diferentes espaços, tentativas de construir um objeto observável no ato de tradução. Como temos que construir o objeto a ser traduzido, pois de outra forma o mesmo nos escaparia exponencialmente, trataremos o objeto como discursos a serem traduzidos nas relações interculturais.

O intérprete, dessa forma, observa discursos no processo de tradução. Analisar discursivamente as relações interculturais nos ajuda a analisar a engenharia que constrói a realidade, as forças que agem nas diferentes culturas, as relações de poder, e a construção do que é definido como natural. É na intencionalidade que se mostra no real que situamos o objeto, ou o espaço de observação no ato de tradução.

É nesse espaço de intencionalidade que o discurso se cristaliza e se ordena. Segundo Foucault (1970), toda a sociedade é produtora de discursos que controlam, selecionam, organizam e distribuem, por meio de certo número de procedimentos que têm por papel controlar os poderes e os perigos, freando os acontecimentos aleatórios, para disfarçar sua pesada e temível materialidade. Desta forma, a materialidade cultural que se apresenta na tradução é estruturada em função das relações de poder, que muitas vezes transcendem o espaço geográfico que define os contornos culturais.

Diante desse cenário, que se justifica pela tentativa de se delimitar um espaço de observação do objeto no ato de tradução, muitos problemas são postos na mesa. Acreditamos que o principal seja aquele que apresenta o objeto no plano de imanência. Analisar

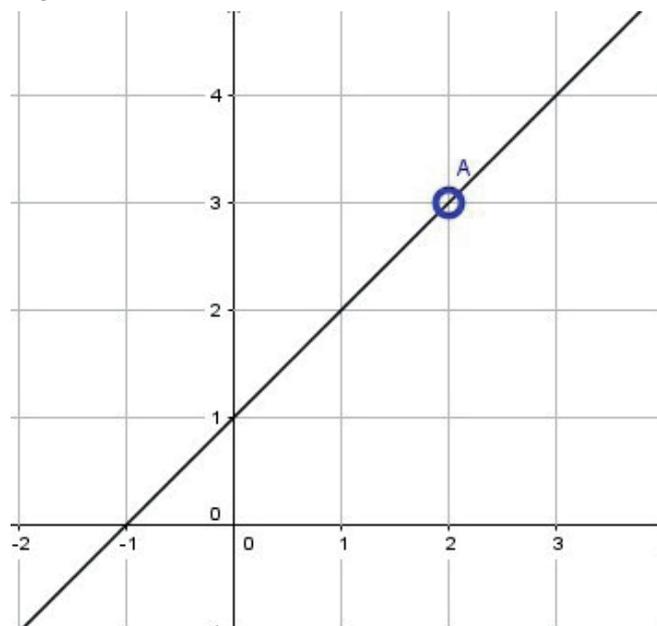


os discursos em seu funcionamento, não em uma tentativa de excluir o sujeito que observa o fenômeno, mas sim aumentar o grau daquilo que se mostra em um movimento metafísico que finca os pés no chão, no âmbito das experiências possíveis.

Para analisar de forma imanente, os critérios de dimensionamento precisam ser definidos. E para fazermos este dimensionamento analítico vamos resgatar um conceito matemático que nos auxilia nesse processo. Trata-se da derivada, um processo matemático que analisa os pequenos acontecimentos de um determinado fenômeno, o movimento instantâneo de uma partícula, a posição de um elétron em um experimento quântico, as características de movimento de um ponto pertencente a uma estrutura geométrica, dentre outros. Ou seja, a derivada faz surgir um novo mundo de percepções que em um ambiente macro não seria possível de ser observado. Não se trata de apenas observar os micro ambientes, mas, sim, o seu comportamento dinâmico, suas consequências no ambiente macro.

A teoria das funções modela esta relação de forma concreta:

Imagem 1:  $F(x) = x+1$



Fonte: os pesquisadores.

Observando a imagem 1, temos uma função  $f(x) = x+1$  que representa a linha reta. Situamos um ponto de coordenadas (2,3) para representar um local geométrico sobre esta função. O ponto A representa o micro e a linha reta o macro do fenômeno que se comporta dessa forma. Para sabermos o comportamento da linha, basta inserirmos valores numéricos na função. Porém, para analisarmos a micro dinâmica do ponto A sobre a reta, não basta aproximarmos o zoom na imagem. Temos que analisar seu deslocamento, sua relação de dependência com a dinâmica de propagação macro desse fenômeno. Analisar instantaneamente de forma dinâmica, é isto que o conceito de derivada desvela nos fenômenos modelados matematicamente.

O que nos interessa é o objeto a ser observado e o conceito de derivada nos ajuda a compreender este processo de forma imanente. Não existe, nesse sentido, um desloca-



mento entre o macro do fenômeno e seus micro comportamento. Suas relações são explicadas no próprio acontecimento. A reta e seus infinitos pontos compõem um mesmo quadro. Não precisamos de um dimensão externa para observar o todo e as partes do fenômeno.

Ao analisar de forma imanente o micro e o macro, inaugura-se outra forma de observar os fenômenos de modo geral. O diferente se positiva nas micro relações. O olhar que refletia o macro dos objetos passa a observar outras variáveis ofuscadas pela epistemologia da repetição e das macro identidades. Segundo Deleuze e Guattari (2012, p.107), a microssociologia se “interessa mais pelo mundo dos detalhes ou do infinitesimal: as pequenas imitações, oposições e invenções, que constituem toda uma matéria sub-representativa”.

É nesse ponto que situamos o conceito de molar e molecular. Deleuze e Guattari (2012), mencionam que toda sociedade e seus indivíduos são atravessados por duas correntes discursivas ao mesmo tempo: uma molar e a outra molecular. Como a deriva, ponto A da imagem 1, e a linha reta  $f(x)$ , são inseparáveis, coexistem passando de uma para a outra, sempre uma pressupondo a outra, o mesmo acontece com os discursos molares ( $f(x)$ ) e moleculares (derivada). “Em suma, tudo é política, mas toda política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica” (DELEUZE e GUATTARI 2012, p.99).

Os discursos molares apresentam maior rigidez enquanto que os discursos moleculares são flexíveis e pontuais. Desta forma, estes dois discursos não se distinguem apenas pelo tamanho, escala ou dimensão, mas pela natureza do sistema de referência considerado. Um se propaga de forma ampla muitas vezes relacionado à moralidade de instituições milenares e o outro se miniaturiza no movimento diário percebido pelos sentidos de quem observa e é observado. (DELEUZE e GUATTARI 2012).

Os discursos molares são definidos como os que representam a realidade. Desta forma, percebemos, por conta de um treinamento epistemológico que instala um regime do que pode ser observado, apenas os discursos molares. O molecular, a microeconomia, a micropolítica, que não se definem apenas pela pequenez de seus elementos, mas pela natureza das massas, se espalham no interdito, definido como não real ou vivente de uma psicologia atemporal. “De um lado as massas ou fluxos, com suas mutações, suas conexões, suas precipitações; de outro lado, as classes os segmentos, com suas organizações binárias, suas linhas de sobrecodificação em proveito de uma delas” (DELEUZE e GUATTARI 2012, p.110).

Estamos diante de sistemas de referências distintos. Um que conta uma macro história e o outro, uma micro histórias. Não se trata de considerar o grande e o pequeno, mas sim os condições de contorno, ainda que as mesmas culturas sejam afetada pelos dois tipos de discursos. De um lado, temos a produção de discursos duros em que as condições de contorno são rígidas e cria espaços homogêneos, de outro, os discursos são de mutação e as condições de contorno são móveis em uma escala instantânea (DELEUZE e GUATTARI 2012).

Função e derivada, molar e molecular. Podemos pensar que dividir os discursos que circulam em determina sociedade ou cultura pode ser arriscado. O principal risco seria a pretensão de classificar todos os discursos como sendo molares ou moleculares. A esse respeito a matemática nos auxilia baixando o deslocamento a um plano de imanência.



É o plano de imanência que permite o não deslocamento entre o molar e o molecular. As relações de dependência entre os dois discurso revela não apenas as micro relações humanas, mas também, o conflito que se estabelece nessas relações. Desta forma, o objeto que se efetiva no ato de tradução ganha condições de contorno macro e micro que devem ser consideradas pelo intérprete no ato de tradução. Nesse sentido, falta-nos a relação. Vamos a ela.

### *A relação sujeito e objeto no ato de tradução*

O intérprete, filosofia do pensamento sem imagens, discursos molares e moleculares, o macro e o micro, são pontos a serem considerados na relação sujeito e objeto na ao de tradução. Destacamos o sujeito no ato de tradução, o objeto no ato de tradução, como um estratégia de negar sua separação. Ou seja, arquitetamos um plano de análise que separa para juntar; a criação desse espaço é o que nos motiva.

A história nos mostra que a negação do sujeito como intérprete do real ganha força com a ciência moderna. A matemática e seu desenvolvimento nos mostram essa negação, em que o quantificar e o medir por meio de estratégias metodológicas específicas são as únicas formas que temos para interpretar o real. A dicotomia sujeito e objeto só tem sentido nesse quadro epistemológico. Desta forma, podemos pensar no resgate do sujeito nessa relação. Resgatar para colocar no mesmo plano de interação e unicidade.

A física quântica e as propriedades probabilísticas já anunciaram o retorno do sujeito foragido das ciências modernas. Segundo Santos (2002, p.22), o sujeito regressará “transfigurado, sem nada de divino senão o nosso desejo de harmonia e comunhão com a natureza que nos rodeia e que, vemos agora, é o mais íntimo de nós. Uma nova gnose está em gestão”. Nesse sentido, nossa ação para conhecer se projeta na subjetividade do não dito, no silenciado por intenção, na quebra dos calabouços trancados pela ciência moderna.

Aquecer o sujeito e o objeto para que ambos se misturem na forma de fumaça talvez seja o caminho que pode modelar esta relação. Santos (2002, p. 22) afirma que “o objeto é a continuação do sujeito por outros meios”. A consequência imediata dessa afirmação é que a ciência não descobre, cria espaços de inteligibilidade, ou seja, a ciência é afirmação do real e criação do real. Em segundo plano, os conhecimentos modelados para fazer previsão e controle do fenômenos, típico das ciências matemáticas, se apoia sobre axiomas e juízos de valor empregados pelos construtores coroados por uma máscara que se diz universal.

É no ato de criação que fixamos os novos paradigmas da ciência pós-moderna. A criação científica em nosso momento histórico assume-se próxima à criação literária ou artística, é o escultor que trabalha a pedra. SANTOS (2002). Desta forma, depois de criar a escultura, que seria o objeto em termos científicos, a relação não seria mais de sujeitos e objetos, mas sim sujeitos e sujeitos, pois a obra de arte é o próprio artista objetivado. Conflituosa torna-se essa relação, pois a sobreposição do olhar sobre o sujeito observado e o sujeito que observa está sujeita a relações de supremacia quase sempre legitimada por um terceiro olhar.

O rompimento da dicotomia sujeito objeto, já revelada pelas ciência emergentes pós-modernas, é pressuposto para o ato de tradução. É pressuposto pelo fato de o



intérprete estar presente no ato de tradução das diferentes culturas. Ou seja, este processo exige uma aproximação entre sujeito e objeto. Santos (2002) menciona que a antropologia foi o primeiro ramo das ciências humanas a estudar o que se denominou de povos primitivos. Nestas situações, a relação sujeito objeto exigia “que a distância fosse relativamente encurtada através de uso de metodologias que obrigavam uma maior intimidade com o objeto, o trabalho de campo etnográfico e a pesquisa participante”. (p.67).

A imersão do intérprete nas relações interculturais rompe a dicotomia sujeito e objeto e coloca o intérprete como sujeito ativo desse processo. Trata-se desta forma de um processo de construção conceitual que pretende traduzir as relações interculturais de forma não homogênea. O oposto desta afirmação não teria sentido, pois traduziríamos as relações interculturais de forma monocultural. Betancourt (2004) afirma que, para se executar as interpretações interculturais, os sujeitos precisam, no ato de tradução, ter a percepção que não são objetos isolados, mas, sim, participantes ativos de um espaço intercultural. Observador e observado mudam de lugar a todo momento ao transitar nesse espaço de diversidade. Lugares atravessados por discursos diversos que provocam uma oscilação contínua na gangorra das percepções.

Neste momento, precisamos voltar nossa atenção aos referenciais de percepção. Segundo Betancourt (2004), vivemos um momento histórico de analfabetismo intercultural, que se justifica pela herança monocultural catalisada pelas instituições modernas. Estamos diante de um problema, em que nossos referenciais projetam em nossos pensamentos princípios monoculturais que calibram a observação em uma fatia da realidade legitimada como sendo a única existente. Pensamentos guiados por alfabetos considerados universais que agem em nível regimental, em uma espécie de plano cartesiano que sutura o sujeito na grade legitimada como real.

Precisamos de dispositivos que nos permitam aprender a pensar novamente. Dispositivos estes que nos deixem “ler o mundo, nossa própria história e os distintos alfabetos que nos oferecem a diversidade das culturas”. (BETANCOURT, 2004, p. 11. Nossa tradução). Dispositivos adaptáveis que se ajustem ao observável no ato de tradução. Não na construção de dicotomias sujeito e objeto, mas sim em um movimento abstrato que visa construir planos de imanência. E é neste plano que a dicotomia se rompe por completo e se objetiva na forma de dispositivos que nos permitam aprender a pensar novamente.

O ato de tradução catalisa esse processo de aprendizagem do novo pensar. Catalisa, pois o intérprete está inserido em um espaço intercultural e tem consciência do desejo da percepção do diferente. Além da consciência e da aproximação estratégica, o intérprete estabelece uma espécie de diálogo consigo mesmo, com o objetivo de procurar estratégias de desenvolvimento de um plano de imanência. Plano este que permite observar as relações no espaço das práticas diárias, nas micro relações sociais.

E é neste ponto que aprofundamos nosso olhar sobre o ato de tradução. Construimos pequenas referências que nos ajudam a compreender as relações sujeito e objeto no ato de tradução. O intérprete, a filosofia da diferença e do pensamento sem imagens e os discursos molares e moleculares. Acreditamos serem estes alguns dos dispositivos que nos permitem aprender a pensar novamente, como sugere Betancourt (2004). Dispositivos que nos posicionam em um local epistemológico com superfície de contato aberto



ao diferente, que estabelece um movimento contínuo que vai do micro ao macro em um processo de pensar artístico.

Dispositivo primeiro: ter a consciência do intérprete e do legislador que herdamos de nossa história recente. O legislador iluminista vinculado a um projeto civilizatório que vem ruindo a cada dia no pós-modernismo. A chegada do intérprete que constrói as pontes necessárias para de compreender a pluralidade de nossa contemporaneidade. Compreender todo este processo de forma ampla permite tomarmos consciência que fazemos parte de um movimento sócio histórico e que este, por sua vez, nos constrói como sujeitos. A quebra do sujeito cartesiano, individualista, que procura a verdade, as essências e as leis universais, tem maior probabilidade de ser questionado. O idiota cartesiano que tenta traduzir as relações interculturais de forma monocultural cai em estranhamento.

Dispositivo segundo: a percepção do diferente e a filosofia do pensamento sem imagem. De nossa tradição científica não herdamos apenas o legislador; herdamos também nosso imaginário. Imaginários que pensam por imagens pré-definidas. Conceitos e definições que nos prendem a um conjunto de imagens transcendentais. A relação não é de sujeito plano de imanência, mas sim sujeito plano de transcendência. Pensar nesse formato tem como consequência imediata a homogeneização por entes que não estão presentes no ato de tradução. Pensar por imagens transcendentais é negar os diferentes alfabetos que as culturas constroem. Desta forma, a filosofia do pensamento sem imagens não questiona apenas nosso modo de pensar, mas também empurra as transcendências, definidas como tal por outros interesses, a um plano de imanência e de igualdade. Há um achatamento que visa uma ampliação do pensar em loco.

Dispositivo terceiro: os discursos molares e moleculares. Os discursos molares são aqueles adotados como filho pródigo. São legitimados como única histórica, credível de ser contada. É o Estado, a Igreja e a Ciência da verdade. Desta forma, podemos afirmar que o ato de tradução exige uma percepção molecular, derivável em seu funcionamento. Percepção que revela locais vazios, como buracos nos discursos molares. Como afirma Deleuze e Guattari (2012, p.120), “tudo adquire a clareza do microscópio”. Esse é um dispositivo que nos permite ter a consciência da derivada em um movimento que se coloca na contramão dos discursos totalitários. Não se trata de negar os discursos molares e sua importância no ato de tradução, mas sim, ampliar o pensamento em direção as micro estruturas e suas relações macro.

Estes dispositivos sintetizam a relação sujeito e objeto no ato de tradução. Nesse contexto, discutir esta dicotomia perde o sentido pelo fato de estar no mesmo plano. Tudo está no mesmo plano de imanência. Deleuze e Guattari (1992) afirmam que o papel da filosofia é criar conceitos. Betancourt (2004) menciona que a pós-modernidade necessita de uma filosofia intercultural. Desta forma, nosso movimento foi o de construir um plano de imanência que estão contidos alguns conceito que permitem caminhar na direção de uma filosofia intercultural.

A caminhada é longa e necessita de referências. As referências, por sua vez, precisam de dispositivo que desperte no sujeito intérprete a diferença no ato de tradução. Não se trata de uma receita, nem de uma ideologia posta em folhetos lidos por múmias, nem de um discurso para ser lido em palanques. O que se pretende com estes dispositivos é



construir uma estratégia de inteligibilidade, que permita construir inteligibilidades interculturais. É na edificação de um personagem conceitual articulado à filosofia intercultural que se dá, em última análise, o ato de tradução.

### Considerações

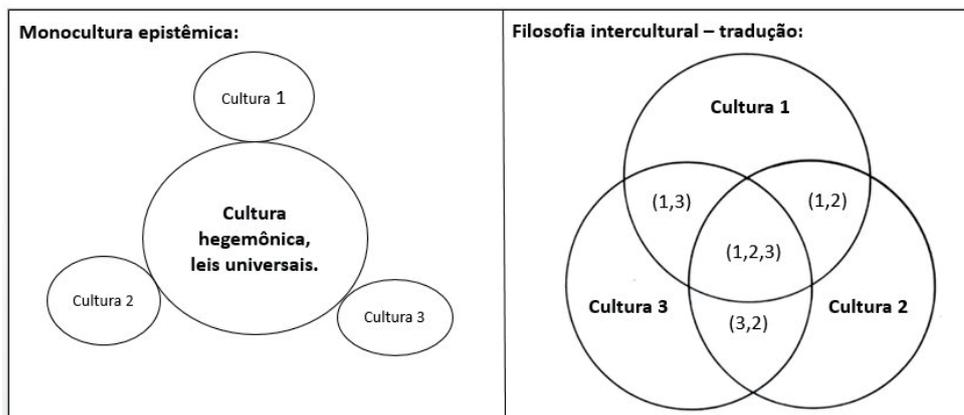
Para atingir o objetivo de analisar as relações entre sujeito e objeto no processo de tradução intercultural, organizamos este nosso texto em três partes: na primeira, frisamos aspectos relacionados à figura do intérprete (sujeito). Na segunda, discutimos algumas facetas relacionadas às dinâmicas sociais (objeto). E para finalizar, articulamos sujeito e objeto no processo de tradução (sujeito-objeto).

Aspectos relacionados aos sujeitos: intérprete e filosofia do pensamento sem imagem. Facetas relacionadas às dinâmicas sociais: discursos moleculares e molares. Articulação sujeito objeto: rompimento da dicotomia, construção de um plano de imanência e de dispositivos que permitem a construção de um pensar que percebe a diferença. É nesse ambiente de inteligibilidade que a tradução acontece.

Ao final desse artigo muitas coisas nos vêm à mente. A prescrição e o receituário nos incomodam nesse momento. As leis que se dizem universais, criadas por uma cultura eurocêntrica, nos espiam por cima dos ombros enquanto escrevemos estas últimas linhas. Construir leis universais que permitam a tradução é o primeiro erro de quem tem a pretensão de estar vivo no diferente.

Diante disso, como podemos pensar a tradução sem a edificarmos de leis universais? Como construir uma geografia do pensamento intercultural? Acreditamos ser complexa a resposta dessas perguntas, porém a matemática pode nos ajudar a dar o primeiro passo. Pensemos na geografia como um diagrama:

Imagem 2: geografia do pensamento intercultural



Fonte: os pesquisadores.

Se observarmos o diagrama monocultura epistêmica, percebemos que uma cultura se apropria de um discurso universal. Trata-se da construção de uma arquitetura de convencimento relacionado a aspectos transcendententes que convencem as culturas 1, 2 e 3 que são menores e sem valor. A superfície de contato é restrita entre a cultura do centro e as marginais. O que se pretende é a exploração do centro para as periferias e posterior-

mente o desejo civilizatório das periferias para o centro. É o cenário ideal para análise monocultural das relações interculturais. Nessa dinâmica, o intérprete vira legislador e a tradução se contamina das universalidades construídas como tal. Na filosofia intercultural – tradução, as relações são diferentes. Todas as culturas tem o mesmo tamanho e as superfícies de contato são ampliadas, o que era apenas uma linha se transforma em áreas. Temos as áreas (1,2), (1,3), (3,2) e (1,2,3), que simbolizam essas relações. Nesse diagramas as universalidades existem, porém, estão no mesmo plano. Há uma universalidade na imanência das intersecções. A universalidade (1,2,3) não foi criada por uma autoridade externa, longe dos micro acontecimentos. A universalidade no ato de tradução existe, não ligada a um projeto, mas sim criada a partir do deslocamento dos pés que se atritam com o chão das diferentes culturas. É nessa geografia que o intérprete pode criar dispositivos de tradução, que visa à universalidade no plano de imanência, simultânea a um conjunto ilimitado de culturas.

A universalidade se constrói nas relações interculturais. São os passos do intérprete que criam as possibilidades de interação e é na caminhada pelo mundo das diferenças que o intérprete se constitui como sujeito intercultural.

### *Referências*

- BAUMAN, Z. **Legisladores e Intérpretes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BETANCOURT, R. F. **La Interculturalidad a prueba**. 2004.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Lisboa: Relógio d Água, 2000. 493 p.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs. Vol. 3**. São Paulo: Coleção Trans. 2012.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paula. Editora 34. 1992.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Paris. 1970. Tradução: Edmundo Cordeiro.
- SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna**. Estudos avançados. São Paula. 2002.

*Recebido em 13 de setembro de 2017.*

*Aceito em 27 de novembro de 2017.*



